RELAÇÕES RACIAIS, IDENTIDADES ÉTNICAS, GÊNERO E AUTOBIOGRAFIAS: O COTIDIANO DOS ESTUDANTES AFRICANOS E BRASILEIROS NA UNILAB/CE

Ruthe de Paula Dias [1], Artemisa Odila Candé Monteiro [2]

RESUMO

Esta pesquisa surgiu a partir do interesse em se discutir, a nível de pesquisa, as temáticas de relações raciais, gênero, etnia e autobiografias no cotidiano da Unilab. Esse interesse foi reforçado por vários depoimentos de estudantes que foram alvo de racismos e discriminação racial na universidade e no contexto do Maciço de Baturité. Diante disso a pesquisa tem como objetivo aprofundar o conhecimento acerca das relações sociais que se dão entre estudantes africanos e brasileiros, no contexto da integração, enfatizando as questões identitárias e de diferenças. Além disso, também procura compreender as relações dos estudantes africanos com a comunidade externa do maciço de Baturité, com ênfase nas questões referentes ao racismo, discriminação racial, preconceito, xenofobia e como isso afeta a convivência dos estudantes. Espera-se com o resultado deste trabalho, compreender melhor como se dá o processo de sociabilidade entre os estudantes africanos e brasileiros no contexto da integração da Unilab e do maciço de Baturité. E também convocar a Unilab através da gestão para repensar os parâmetros para uma aproximação entre a comunidade externa e a comunidade acadêmica.

Palavras-chave:

Racismo. Gênero. Estudantes.

[1] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, Instituto de Humanidades, Discente, e-mail: ruthedepauladias@yahoo.com.br
[2] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Docente, e-mail: artemisaodila@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de expandir o ensino superior no Brasil surgiu a Unilab (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira) que tem como proposta a integração com os países africanos de língua portuguesa, buscando intensificar as relações entre África e Brasil a partir de seus contextos históricos. A universidade foi instalada em Redenção-Ce e em São Francisco do Conde-Ba, no intuito de promover também uma interiorização do ensino superior. Tal integração busca a cooperação e o desenvolvimento de tais países tanto no âmbito científico como cultural.

No caso unilabiano, o impacto da chegada dos africanos na cidade de Redenção/CE e adjacências, num estado que nega laços históricos com o continente africano, por um lado, evidenciou a sua estigmatização e exclusão, na medida em que suscitou ataques racistas e xenofóbicos, casos que podem ser observados cotidianamente.
Isso pode ser explicado a partir da não valorização da descendência africana e sua cultura, devido a estigmatização do continente africano ligado à pobreza, guerras e fome. Além disso, as relações étnico-raciais no Brasil são pautadas pelo mito da democracia racial, ou seja, a ideia de que todas as raças vivem em harmonia e que não há racismo ou discriminação.
No cenário referente ao estado do Ceará constata-se a difícil situação da maioria dos negros no tocante à auto identificação como tal, visto que persistem dois falsos supostos: o da ausência de negros na historiografia local, que, reforçada pela suposta democracia racial, apenas reconhece algumas práticas culturais negras
Neste sentido, a pesquisa busca realizar uma vertente comparativa interna (nível de sociabilidade entre discentes africanos e brasileiros), analisando as dinâmicas das relações raciais assente na perspectiva de construção da integração, articulada com processos das identidades e diferenças. Também procuramos analisar as relações cotidianas entre estudantes africanos e a comunidade de Redenção/Ce buscando compreender situações de racismo, xenofobia e discriminação racial.
Esta pesquisa portanto, tem como objetivo refletir em torno das questões de gênero, sexualidade/"raça" e tradições culturais africanas, prestando particular atenção às questões referentes às estrategias de convivência, construções identitárias, racismos e discriminação e, mediante estas incentivar uma integração entre os estudantes africanos e brasileiros nos contextos da Unilab e do Maciço de Baturité.

METODOLOGIA

Diante dos objetivos apresentados pretende-se efetuar uma pesquisa qualitativa uma vez ser nossa preocupação penetrar e compreender o significado e a intencionalidade das vivências, das falas, das revoltas, das aspirações, ou seja, o quotidiano dos estudantes africanos e brasileiros na Unilab e nos municipios em torno.A coleta de dados será realizada mediante as técnicas de observação direta e entrevistas semi-estruturadas e em profundidade.Neste sentido, o grupo alvo da pesquisa constituir-se-ão dos discentes da Unilab (africanos e brasileiros) de diferentes cursos e entradas, moradores dos principais municipios de maior concentração dos estudantes africanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entrevistamos onze pessoas na cidade de Redenção. Destas onze, seis eram funcionárias de algum estabelecimento comercial, três funcionárias do posto de saúde, uma proprietária de imóveis e um feirante. Entrevistamos também cinco estudantes brasileiros, sendo dois do curso de história, dois do curso de sociologia e um do curso de pedagogia e treze estudantes africanos, sendo cinco angolanos, seis guineenses e um moçambicano e um são tomense, também de diferentes cursos.
Em relação ao contexto da cidade de Redenção percebemos uma visão negativa acerca da presença dos estudantes africanos na cidade, evidenciando o preconceito e uma visão estereotipada sobre o continente

africano. Um aspecto observado foi a relação que alguns entrevistados fizeram entre os estudantes africanos e o surgimento de doenças na cidade, pois alguns relatos demonstram a visão estereotipada que muitos ainda tem da África como um continente associado a doenças. Essa visão pejorativa muitas vezes é propagada pela mídia e outros meios de comunicação que, associada a falta de conhecimento, leva muitas pessoas a terem esse tipo de pensamento.

Outro aspecto bastante presente nos relatos é a ideia de que os estudantes africanos estariam ocupando as vagas de brasileiros na universidade. Isso mostra a falta de conhecimento sobre a Unilab e a sua proposta de internacionalização com os países africanos de língua portuguesa. Essa internacionalização e integração tem como objetivo a troca de conhecimentos visando o desenvolvimento econômico e social. Dessa forma os estudantes africanos não estão "tomando" a vaga de brasileiros, mas contribuindo com o enriquecimento de diversos aprendizados, tanto no âmbito científico como cultural.

Também observamos que o racimo em Redenção se apresenta de forma explícita e recorrente quanto aos estudantes africanos e com ênfase na cor da pele. Alguns entrevistados relataram que se sentem incomodados com a presença de africanos na cidade em aspectos relacionados a sua cultura, pois, segundo as entrevistas, eles fazem muito barulho. Segundo Nilma Lino Gomes "na forma individual o racismo manifesta-se por meio de atos discriminatórios cometidos por indivíduos contra outros indivíduos" (2005, p.52) Isso pode ser observado no caso relatado em que funcionários de uma loja se recusam a atender os estudantes africanos.

Sobre as moradias da cidade existe uma resistência por parte dos proprietários em alugar seus estabelecimentos para os estudantes africanos. No que refere aos supermercados, mercadinhos e mercearia, existe uma certa desconfiança em relação aos africanos, desde as formas de pagamento como no atendimento. Muitos destes espaços comerciais obrigam o estudante africano a pagar a vista ou em dinheiro e sem, contudo, dar lhe chance em outras formas de pagamento.

Também percebemos, a partir de alguns relatos, que muitas pessoas não concordam com o fato de a Unilab garantir auxílio estudantil para os estudantes estrangeiros, pois isso estaria fazendo com que os estudantes ficassem "relaxados" e não fossem procurar emprego. Os auxílios não são vistos como um direito que deve ser garantido, mas sim como uma regalia ou mordomia, como falou a entrevistada.

Com relação ao contexto da universidade, foram relatadas situações de discriminação, envolvendo principalmente os estudantes africanos. Em alguns relatos fica explícito que existe um tratamento diferenciado por parte de funcionários da Unilab em relação a estudantes africanos e brasileiros. Essa distinção pode ser caracterizada como discriminação racial, presente nas práticas cotidianas, e pode ter consequências negativas quando se nega o atendimento a pessoas de determinada cor.

Ao questionarmos sobre a sociabilidade entre estudantes africanos e brasileiros percebemos algumas dificuldades, pois apesar da universidade ter como proposta a integração, os estudantes afirmaram que isso ainda não acontece de forma efetiva. A questão da integração é ainda algo bem distante da realidade das salas de aula entre os estudantes africanos e brasileiros. Entretanto, ela é acionada nas festas e na organização de torneio de futebol. Essa falta de integração também ocorre entre os estudantes africanos de diferentes nacionalidades e até mesmo entre os estudantes que são de um mesmo país, mas de diferentes etnias.

No que diz respeito às relações de gênero os estudantes africanos são permeados por uma série de estereótipos que envolvem sua sexualidade, desde a ideia de que os estudantes do sexo masculino seriam "tarados" e as estudantes do sexo feminino seriam vistas como objeto sexual. Os estudantes também relataram nas entrevistas a dificuldade em desnaturalizar esses padrões, tendo em vista que a própria sociedade brasileira está assentada em padrões machistas, como também na falta de maiores discussões sobre esse assunto em seus respectivos países.

Com todos esses problemas o projeto da Unilab não deixa de ser importante para os/as estudantes, assim com os morados dos municípios. Vale ressaltar que apesar da aversão a presença dos africanos nos municípios de Redenção e Acarape, estas duas cidades evoluíram de forma considerável com a chegada dos africanos e da Unilab. A titulo de exemplo são as especulações imobiliárias, o crescimento dos comércios e a geração de emprego e renda para os moradores. Todos estes benesses fáceis de apontar nas duas cidades foram promovidas pela presença da Unilab e a sua política de internacionalização.

CONCLUSÕES

Concluímos que é necessário uma maior aproximação dos estudantes africanos e brasileiros e a população do Maciço na qual a Unilab está inserida, para que se possa ter uma melhor compreensão sobre o continente africano enquanto lugar de cultura e história, desconstruindo mitos históricos, preconceitos e estigmas, conforme objetiva a legislação educacional em vigor, mas especialmente trazer a esse território um canal de diálogo e de identificação com alguns dos elementos integrantes do legado cultural africano junto à formação social e cultural do Brasil e principalmente da formação local.

Também se faz necessário uma ampliação da discussão sobre os processos políticos e socioculturais que perpassam os países africanos da lingua oficial portuguesa que representa uma importante possibilidade de promoção e fortalecimento da integração entre esses países membros da cooperação internacional, conforme objetivo colocado como missão da Unilab.

Seria importante que a universidade criasse projetos sobre sobre a questão de gênero e sexualidades e das dinâmicas sociais, culturais, econômicos e polítics dos países africanos membros da cooperação, respeito às diferenças, reconhecimento das diversidades culturais africanas existentes na Unilab, como uma forma de combater práticas racistas, discriminatórias e xenofóbicas, tanto no ambiente da universidade como também na cidade de Redenção-Ce.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, a Pró reitoria de Pesquisa e Pós Graduação e a todos os participantes e envolvidos que contribuíram para nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre Relações Raciais No Brasil: Uma Breve Discussão. In: Educação anti-racista: caminhos pela Lei nº 10.639/03. Coleção Educação para Todos (2005).

MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, 2001.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. Racismo e Anti-Racismo no Brasil, São Paulo, Editora 34, 1999, pp. 19-36.

HASENBALG, Carlos Alfredo. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HOFBAUER, Andreas. Ações afirmativas e o debate sobre racismo no Brasil. Lua Nova, p. 9-56, 2006.